

Civilização, civilizações e processo civilizador

A antropologia abandonou a noção de civilização pela de civilizações



Expressões como povos inferiores, bárbaros, incivilizados e por aí afora foram sendo substituídas ao longo do tempo.

POR FLAVIO SALIBA

Retorno a Cesare Lombroso para invocar alguns temas do seu discurso equivocadamente ignorados pelas ciências sociais. Para começo de conversa é bom lembrar que a literatura científica do século 19 desconhecia o que hoje entendemos por "politicamente correto". Mesmo entre grandes pensadores como Marx e Durkheim encontramos expressões como povos inferiores, bárbaros, incivilizados e por aí afora.

Tais expressões foram sendo, com razão, gradativamente suprimidas da análise social ao longo do século passado. Mas para além da questão semântica, isto teve como

resultado o abandono de conceitos como os de evolução social e processo civilizador com sérios prejuízos à compreensão dos fenômenos da cidadania, da instauração e consolidação da democracia social e política, da distinção entre o público e o privado, da criminalidade e, até mesmo, da persistência da pobreza e das desigualdades sociais.

A antropologia, em particular, abandonou a noção de civilização pela de civilizações com o argumento de que a primeira é eurocêntrica e pressupõe a superioridade dos valores e costumes ocidentais, enquanto a segunda abrange a simultaneidade das mais distintas culturas tradicionais ou primitivas. Trata-se de uma visão que, embora humanitária, ofusca a noção de etapas, de historicidade dos processos, das estruturas e conjunturas sociais. Ora, o que é a modernidade senão a evolução das forças produtivas, a urbanização, as mudanças nos hábitos e, conseqüentemente, a hegemonia econômica e cultural do ocidente?

Embora malsucedido em sua empreitada de descrever o criminoso nato, Lombroso aborda nos primeiros capítulos de *L'homme criminel* um conjunto de temas como os das práticas do aborto, do infanticídio e do canibalismo entre os selvagens por oposição aos costumes modernos, numa perspectiva claramente evolutiva. Sua rudimentar visão sociológica, no entanto, tende a atribuir ao "atavismo" a persistência de algumas práticas selvagens na sociedade de seu tempo, quando o rigor sociológico apontaria para a superposição de fases históricas, ou melhor dizendo, para a articulação de modos de produção que abrange, evidentemente, os elementos culturais. Sua minuciosa análise do roubo entre as tribos selvagens e os povos primitivos, por exemplo, talvez contribua para a compreensão desta prática tão comum entre os brasileiros.

Tais povos não conhecendo sequer a ideia de propriedade, ignoram também a noção de roubo. Este, quando exercido contra estrangeiros serve apenas à comunidade como um todo. "Mesmo entre povos semicivilizados, a propriedade privada demorou muito a se estabelecer" e, com ela, a noção de roubo. "Na África oriental os ladrões gozam de estima geral". É o que parece acontecer em um país de dimensões continentais em que a propriedade da terra se estabeleceu e ainda se estabelece na marra pelas mãos de quem desconhece a diferença entre o público e o privado.